

MÁRCIA MARIA CARVALHO LUZ

**A RELIGIOSIDADE VIVENCIADA NA RECUPERAÇÃO DE
DEPENDENTES QUÍMICOS**

PUC-Campinas

2007

MÁRCIA MARIA CARVALHO LUZ

**A RELIGIOSIDADE VIVENCIADA NA RECUPERAÇÃO DE
DEPENDENTES QUÍMICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Puc-Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

PUC-Campinas

2007

DEDICO ESTE TRABALHO A MINHA AVÓ MARIA
AUGUSTA DE CARVALHO QUE SEMPRE
ESTARÁ NO MEU CORAÇÃO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de fazer este trabalho e por sua proteção e misericórdia.

Aos bons espíritos que me conduzem pelo bom caminho.

A todos os meus familiares pelo apoio e carinho, em especial aos meus pais e aos meus avós Antonio Cesário de Carvalho e Maria Augusta de Carvalho.

Ao meu orientador Mauro Martins AmatuZZi que admiro pela valiosa companhia e ensinamentos.

Aos meus colegas de sala, amigos, professores e funcionários da Puc_Campinas por todos os momentos que compartilhamos.

Ao CNPq pela ajuda financeira a qual me possibilitou a realização deste estudo.

Aos participantes desta pesquisa pela colaboração e confiança. Muito obrigada.

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo que teve por objetivo descrever e compreender, a partir de depoimentos pessoais, a religiosidade vivenciada no contexto da recuperação de jovens em tratamento da dependência química. Foram feitas 4 entrevistas, estas posteriormente foram escritas em forma de 4 narrativas e analisadas segundo o método fenomenológico. Os resultados encontrados permitem concluir que a fé religiosa vivenciada na recuperação de dependentes químicos foi importante na medida em que proporcionou esperança e ânimo para que os participantes deste estudo buscassem sua autonomia perante a drogadicção, sendo que em 3 entrevistas, a religiosidade possibilitou um sentido para a vida, uma nova forma de ver a si mesmo e o mundo.

Palavras-Chaves: Religiosidade; juventude; drogadicção.

ABSTRACT

This research is a qualitative study that has for objective to understand and to describe, from personal depositions, the religious faith lived deeply in the recovery of young in treatment of the chemical dependence. 4 interviews were made, those were written in form of 4 narratives and analyzed according to fenomenological method. The results allow to conclude that the religious faith lived deeply in the recovery of chemical dependents was important when it provided hope and force, so that the participants of this study searched its autonomy. The religious faith made possible, in 3 interviews, a direction for the life, a new form to see itself and the world.

Key-Words: Religious faith; youth; chemical dependence.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	04
RESUMO	05
ABSTRACT	06
APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
Compreendo o uso de drogas	
1.1) Situando o tema de pesquisa	13
1.2) O consumo de drogas numa visão ampliada	17
1.3) Algumas fontes de apoio: família, alcoólicos anônimos (AA), narcóticos anônimos (NA) e outros grupos de ajuda	21
CAPÍTULO 2	
O uso de drogas por jovens e a religiosidade	
2.1) Desafios da adolescência	27
2.2) Consumo de drogas por jovens	29
2.3) A religiosidade como expressão humana	35
CAPÍTULO 3	
A fenomenologia como método de pesquisa	42

CAPÍTULO 4

Objetivo 45

Método 46

1) Participantes

2) Local

3) Material

4) Instrumento

5) Procedimento

6) Plano de análise

CAPÍTULO 5

Narrativa do meu encontro com Juliano 51

Síntese compreensiva do depoimento de Juliano 55

Narrativa do meu encontro com Luís 58

Síntese compreensiva do depoimento de Luís 60

Narrativa do meu encontro com Marcelo 63

Síntese compreensiva do depoimento de Marcelo 67

Narrativa do meu encontro com Gabriel 70

Síntese compreensiva do depoimento de Gabriel 74

Síntese geral dos depoimentos 77

CAPÍTULO 6	
DISCUSSÃO DE RESULTADOS	84
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

ANEXOS

ANEXO 1: Questão desencadeadora	98
ANEXO 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Instituição)	99
ANEXO 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Participante)	101

APRESENTAÇÃO

Durante a construção desta pesquisa tive a preocupação de que a mesma fosse útil para o meio acadêmico e para profissionais que lidam com drogadictos. Também busquei trazer o participante como uma “pessoa” que vivencia o problema do consumo abusivo de drogas, por esta razão o método fenomenológico me pareceu mais oportuno.

Abordo nesta pesquisa tanto a adicção de drogas lícitas (álcool) como ilícitas (cocaína, crack e maconha), lembrando que como critério as drogas devem estar causando ou ter causado sofrimento psicológico e emocional nos participantes deste estudo; proponho um “mergulho” nas vivências destas pessoas e em suas experiências de como o uso de drogas afetou suas vidas e de que modo a religiosidade foi vivenciada no processo de recuperação da dependência química.

No primeiro capítulo serão enfocadas primeiramente, as pesquisas em torno da temática: religiosidade/drogadicção e juventude, o consumo de drogas em uma visão ampliada e, posteriormente algumas fontes de apoio como, por exemplo: a família e os grupos de ajuda dos Alcoólicos Anônimos e os Narcóticos Anônimos.

No segundo capítulo serão abordados alguns dos desafios da adolescência, o consumo de drogas por jovens e a religiosidade como uma expressão humana. Já no terceiro capítulo será enfocada a fenomenologia utilizada como método desta pesquisa. O capítulo seguinte consiste no objetivo e método e o quinto capítulo nas

narrativas, nas sínteses específicas de cada uma delas e na síntese geral contendo os pontos comuns e divergentes. O sexto capítulo traz a discussão de resultado e a conclusão deste estudo.

COMPREENDENDO O USO DE DROGAS.

“Procurou o homem, desde a mais remota Antiguidade, encontrar um remédio que tivesse a propriedade de aliviar suas dores, serenar suas paixões, trazer-lhe alegria, livrá-lo de angústias, do medo ou que lhe desse o privilégio de prever o futuro, que lhe proporcionasse coragem, ânimo para enfrentar as tristezas e o vazio da vida” (Sollero, 1979, p. 39).

1.1) SITUANDO O TEMA DE PESQUISA

Diversos estudos comprovam que o envolvimento com uma religião, juntamente com atividades escolares, família e informações sobre drogas são fatores de proteção ao uso de substâncias químicas, tais como maconha, heroína etc. A religiosidade foi citada como elemento de recuperação no tratamento de dependentes químicos, porém, é crescente o número de pesquisas que apontam a

religiosidade como fator de grande importância na prevenção ao consumo de drogas. Portanto, quanto mais religioso for o adolescente menor seria o seu interesse pelo consumo de drogas (Sanchez e Oliveira, 2004).

A relação entre religiosidade e uso de substâncias psicoativas por jovens tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, já que, essas dimensões têm significativo impacto sobre o desenvolvimento psicológico e social do jovem. A dependência química é um fenômeno complexo e determinado por diversos fatores, tais como o grupo no qual o jovem se insere, a dinâmica familiar da qual faz parte, problemas ou circunstâncias de vida difíceis que podem levar ao consumo de drogas. Muitos estudos, em diferentes contextos socioculturais, demonstram que em jovens verifica-se a associação entre não ter religião, ter pouca crença religiosa, não freqüentar igrejas ou cultos religiosos e maior uso de álcool e drogas (Dalgarrondo et al, 2004)

Segundo Panzini e Bandeira (2005) estudos internacionais e nacionais mostram que a religiosidade é um “inibidor” importante no consumo de álcool e drogas entre jovens. Para os autores existem várias pesquisas que demonstram que jovens com maior envolvimento religioso têm menor probabilidade de usar drogas, álcool e cigarro.

Dalgarrondo et al. (2004), em seu estudo sobre a religiosidade e o uso de drogas por adolescentes, constatou que o uso pesado de pelo menos uma droga foi maior entre jovens que tiveram uma educação na infância sem religião. A

religiosidade funcionaria, portanto, como “inibidor” quando desde criança, o jovem recebeu maior educação religiosa.

Este autor aponta para uma maior influência da religiosidade internalizada, com normas e valores apoiados na subjetividade do próprio jovem. Sendo que, ao aderir uma religião, este se envolve com padrões, com um conjunto de valores, símbolos, comportamentos e práticas sociais.

No Brasil o mais amplo estudo sobre o tema foi realizado em 1992 por Carvalho e Cotrim. Estes autores estudaram 16.117 jovens de primeiro e segundo grau e mostraram a correlação entre consumo de álcool e uso de drogas com atividades religiosas. Chegaram a conclusão que os praticantes de atividades religiosas tendiam menos ao uso dessas substâncias. Mais recentemente, Corrêa et al. em 2002 pesquisou universitários e chegou a conclusão que o uso de drogas é modulado por valores, normas e práticas grupais, como a família, amigos e religião (Dalgalarrodo et al., 2004).

No censo de 2000 foi constatado, junto a jovens de 15 a 25 anos, que estes são menos praticantes, isto é, dentro de uma religião a prática desta é menor nesta população. A experiência de juventude em nossa sociedade gera um tipo de subjetividade capaz de levar o jovem com mesmo perfil social ou mesma vivência, a não ter religião alguma ou a ter muita religião (Mariz, 2005).

Mariz (2005) sugere que a religião, assim como as drogas, geram estados modificados de consciência, criando experiências de superação de tensões,

relaxando ou dando sensação de força e poder. Por essa similaridade, religião e droga podem competir ou reforçar-se mutuamente. Isso ocorre, por exemplo, em religiões que usam substâncias psicoativas em seus rituais. Muitas são as experiências que criam o “êxtase” e o sentimento de coletividade, dentre estas: grupos religiosos, guerras, lutas, drogas etc.

Dalgalarrondo et al. (2004) verificou em estudantes universitários que a religiosidade intrínseca, ou seja, valores e normas religiosas introjetadas e utilizadas no cotidiano, associa-se a um menor uso de drogas, enquanto a religiosidade extrínseca, isto é, a busca da igreja como sociabilidade, não se mostrou diretamente relacionada ao uso de drogas.

Portanto, para este autor, a maior parte dos estudos tem identificado que quanto mais o adolescente freqüenta cultos envolvendo-se de modo profundo com uma religião, menor é a probabilidade de uso de drogas. E quanto mais religioso o subgrupo de estudantes menor a freqüência do uso de drogas pesadas. Então, supõe-se que o adolescente com menos educação religiosa e menor religiosidade pessoal tendam também a ser aqueles que se sentem psicologicamente pior. Segundo Dalgalarrondo et al. (2004), ter tido uma educação religiosa na infância implica ter tido uma educação com mais regras e normas morais, assim como ter internalizado valores que dão significado à vida. Porém, mais importante do que freqüentar cultos religiosos é a internalização de atitudes morais e religiosas.

1.2) O CONSUMO DE DROGAS NUMA VISÃO AMPLIADA

“Quanto mais o homem se apropriar de instrumentos culturais, quanto mais ele educar o seu olhar para perceber o mundo, mais condições terá de escapar da massificação e da manipulação”
(Feris, 2002, p.238).

O consumo de drogas é uma questão de conduta individual e social, e faz parte de um determinado momento e contexto histórico cultural. As condutas individuais não se sucedem isoladamente, tendo portanto, uma série de elementos interconectados que fazem delas um problema multidimensional. Para Silva e Silva (2002) é preciso considerar a interação de 3 subsistemas diferentes para cada situação e para cada pessoa:

“a) as substâncias como elemento material (drogas);

- b) os processos individuais do sujeito que toma posição diante da droga (individual);
- c) a organização social e política e a estrutura que a suporta como marco em que se produzem estas relações (sociedade)” (p. 18).

Vemos então que o consumo de drogas é um fenômeno cultural, já que, em todas as épocas e sociedades sempre existiu o uso de substâncias capazes de alterações no pensamento e comportamento. Todavia, as diferenças para o nosso tempo presente são muitas. No passado o uso de substâncias psicoativas (SPA) era costume de adultos em festas, cerimônias religiosas e na preparação para a guerra; representavam o sagrado. A partir de 1960 o consumo evoluiu nos movimentos Hippie deixando de ter uma relação necessária com o sagrado, passando a representar um modo de contestação da sociedade e adquirindo outros significados (Hallal e Halpern, 2002).

Para essas autoras com o desenvolvimento industrial a função mediadora e integradora da família foi sendo delegada a outras instituições como creches, escolas e meios de comunicação. Houve também choques culturais e “aculturação” na sociedade, ou seja, abandono dos valores tradicionais sem substituição por outros com potencial de integração social.

Segundo Feris (2002) o desmoronamento de valores morais, éticos e religiosos fez com que aumentasse o consumo de drogas em todas as classes sociais caracterizando o que vemos hoje como uma pandemia. Outros problemas graves aliados como a desagregação familiar, a violência e a produção de novas

drogas cada vez mais acessíveis tornaram a drogadicção um verdadeiro negócio, que atinge cada vez mais jovens, em número e em idade.

Portanto, o uso de drogas acompanha a evolução desta última na qual mudanças no estilo de vida das pessoas fizeram com que o seu consumo passasse de um uso ritualizado para uma busca de prazer ou alívio. As mudanças, o progresso e os recursos a serviço da sociedade influenciam no problema do consumo de drogas, na forma de compreender suas vertentes e de prevenir sua utilização (Silva e Silva, 2002).

A partir da leitura de Bicca, Pereira e Gambarini (2002) entende-se a dependência química como biopsicossocial em um contexto onde avanços médicos, químicos e tecnológicos têm levado à produção de novas substâncias em grande escala, o que aumenta a oferta no mercado consumidor. Outros fatores que contribuem para esta pandemia são os laboratórios cada vez mais equipados produzindo drogas sintéticas, substâncias de fácil acesso, aliados a uma fiscalização e repressão deficientes, desinformação da população e falta de programas preventivos.

Feris (2002) traz uma proposta de prevenção envolvendo o jovem, sua família, escola e comunidade, num programa que inclui o desenvolvimento da auto-estima e do compromisso com a vida providencia informações e suscita o diálogo sobre elas. De acordo com a autora:

“Quanto maior a compreensão do problema *drogas*, que esbarra num complexo emaranhado de elementos, mais eficaz a resposta, pois mais próximos estaremos de sua rede de significações e, mesmo sabedores de que nossas descobertas terão sabor de incompletude e transitoriedade, estamos conscientes da importância da prevenção através da educação, que coloca a escola frente a um grande e difícil compromisso político e social” (p. 241).

Hallal e Halpern (2002) chamam a atenção para a “medicalização da vida”, isto é, produtos a serem consumidos para uma melhora física ou psicológica. As pessoas com problemas de ordem pessoal, física ou psicológica são cada vez mais medicadas, mas existe dificuldades no trabalho, na escola, na família ou falta de bem-estar para os quais não existe solução mágica saudável. Atualmente as pessoas fazem uso de drogas que funcionam como um “amortecedor” entre o indivíduo e seu ambiente, entorpecendo-o como forma de escapar do desconforto existencial.

1.3) ALGUMAS FONTES DE APOIO: FAMÍLIA, ALCOÓLICOS ANÔNIMOS (AA), NARCÓTICOS ANÔNIMOS (NA) E OUTROS GRUPOS DE AJUDA

“Está presa em uma teia de aranha; uma vez aprisionada pela rede, torna-se muito difícil poder sair dela. É preciso modificar os impedimentos, e ainda, aproveitar e construir oportunidades novas para se libertar. Os fios de uma teia podem ser frágeis, mas quando estão interligados tornam-se muito fortes” (Lopes e Seadi, 2002, p. 75).

De acordo com Hintz (2002) o uso de drogas é multicausal, porém existem medidas de apoio, uma delas é a família, mas para a prevenção como para a recuperação é necessário que a família, seja qual for a sua configuração, permaneça ativa e coopere efetivamente no processo de recuperação do drogadicto. É importante destacar que cada família possui um contexto e reage de uma maneira dependendo de múltiplos fatores, tais como, qual é o componente familiar envolvido com o consumo de drogas (pai, filho ou filha), qual a droga utilizada (álcool, maconha ou cocaína, por exemplo) etc.

Existem muitas formas de auxílio para aqueles que buscam se libertar da dependência química e também para seus familiares. Grupos de apoio como o Al-anon e o Nar-anon, por exemplo, estes dois são ramificações dos Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA) respectivamente, porém visando atender a familiares de drogadictos.

Os AA surgiram em 1935 em Ohio nos Estados Unidos a partir do encontro de 2 dependentes de álcool. Essas duas pessoas criaram o “programa dos 12 passos” e difundiram sua filosofia por meio de vários grupos que foram surgindo com o mesmo objetivo. As reuniões dos AA realizam-se com uma “troca de experiências, força e esperança”. Os grupos de AA são baseados no seguinte tripé: 1) Recuperação; 2) Unidade; 3) Serviço. Consideram que, em primeiro lugar está o bem-estar de seus membros e o único requisito para entrar no grupo é o desejo de parar de beber e a preservação do anonimato pessoal. Sua proposta básica é **“não beber nas próximas 24 horas”** (Chaves, 2004).

Os NA surgiram em 1953 pela necessidade de usuários de outras drogas terem um espaço para partilhar suas vivências. Com a mesma filosofia e o “programa dos 12 passos”. Sua proposta é **“manter-se limpo só por hoje”** (Chaves, 2002).

Segundo o autor, os grupos de ajuda para os familiares (Al-anon e Nar-anon) utilizam da mesma filosofia que dos grupos AA e NA. Sua proposta é que os familiares aprendam a se relacionar com o parente drogado como se dissessem a

ele: **“te amamos muito mas não te queremos drogado”**. Estes grupos descritos aqui visam também o crescimento pessoal e o entendimento das próprias capacidades, mostram um caminho de busca da serenidade. Os lemas destes grupos são expressões de sabedoria, estimulam atitudes construtivas e o anonimato traz confiança.

No sítio eletrônico dos AA (<http://www.aa-areasp.org.br/sp/passos.htm>) encontra-se a descrição dos 12 passos por eles utilizados:

- “1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, da forma como o concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.”

Nos grupos de apoio a espiritualidade é um componente muito importante e reconhecido também pelos profissionais que atuam junto aos dependentes químicos em clínicas de reabilitação. No programa dos 12 passos há uma proposta de reflexão espiritual, a aceitação de um “Poder Superior” e uma nova maneira de olhar para a vida num processo de reformulação. Bill, um dos fundadores do AA e do programa dos 12 passos, traz a seguinte reflexão:

“Com a ajuda de Deus, o reconhecimento de que em casa ou fora dela somos parceiros em um esforço comum, o fato de que aos olhos de Deus todos os seres humanos são importantes, a prova de que o amor livremente concedido traz um retorno completo, a certeza de não estarmos mais isolados em prisões construídas por nós mesmos, a certeza de que podemos nos adaptar e pertencer ao esquema das coisas criadas por Deus, essas são as satisfações permanentes e legítimas que fruímos de uma vida correta(...)” (Chaves, 2002, p. 190).

O USO DE DROGAS POR JOVENS E A RELIGIOSIDADE.

“O refúgio da felicidade química é o paradoxismo da perda da autonomia que imobiliza cada vez mais o indivíduo em sua teia” (Costa, 2004, p. 235).

2.1) DESAFIOS DA ADOLESCÊNCIA

Santos e Bentlin (2005), citando Hockenbury e Hockenbury, afirmam que a adolescência caracteriza-se geralmente por rebeldias e experimentações, críticas ao existente, busca por liberdade, preparação e acesso ao novo. A adolescência é uma passagem da infância para a vida adulta. Começa por volta dos 12 anos e dura até que o jovem assuma funções e responsabilidades de adulto. Devido às transformações corporais e emocionais, a adolescência pode despertar sentimentos de estranheza e ansiedade

A adolescência é uma fase na qual ocorrem várias transformações pessoais, ocasionando maior ou menor dor psicológica. Para Firetti (2003) o sofrimento do adolescente se relaciona também com a dependência em relação à fase anterior, isto é, não se é mais criança, mas não se é adulto ainda. As drogas podem acompanhar sentimentos de novidade ou solução para esses sofrimentos. Assim, na visão da autora, o jovem busca a droga com a finalidade de experimentar algo novo (curiosidade) ou para alívio de seus sofrimentos emocionais (fuga).

De acordo com Santos e Bentlin (2005) adolescência é um período onde há a necessidade de independência e busca por novos conhecimentos, podendo gerar conflitos com a família. Na adolescência as amizades são mais valorizadas. Mas, os jovens que iniciam cedo o consumo de entorpecentes sofrem atrasos no desenvolvimento e, em alguns casos, prejuízos cognitivos. As drogas causam mudanças visíveis no comportamento, levam a problemas como mau desempenho escolar, dificuldades de relacionamento, sofrimento da família dentre outros comprometimentos.

Desse modo, com a chegada da puberdade, a dinâmica familiar muda. O jovem já tem mais vontades próprias e mais recursos para satisfazê-las. Em seu próprio corpo surgem várias modificações. O adolescente começa a fazer escolhas e não aceita a tudo o que os pais querem. Este impasse pode gerar mais conflitos e para os pais torna-se uma etapa difícil, já que, aceitar o crescimento dos filhos é reconhecer que está se tornando velho. Portanto, quando o filho se torna adolescente, a família também “adolesce” (Firetti, 2003).

2.2) CONSUMO DE DROGAS POR JOVENS

Tiba (2002) conceitua a droga como qualquer substância inalada, ingerida ou injetada sem controle médico. As conseqüências são: alteração de humor, dos órgãos de sentido, das funções psicológicas e motoras. Algo comum entre as drogas é a diminuição da capacidade do jovem de interagir voluntariamente e conscientemente. As drogas podem ser, na visão do autor, uma fuga de uma realidade difícil de vivenciar.

Firetti (2003) aponta que a família do adolescente é fundamental. Pois neste contexto podemos encontrar pais que se automedicavam e medicavam seus filhos. Por este hábito o jovem pode buscar alívio para seu sofrimento em alguma substância psicoativa. O álcool, por exemplo, pode às vezes ser venerado quando o pai guarda determinadas bebidas como um símbolo de status; também há casos em que os pais aceitam a embriaguez do filho por ter a crença de que é coisa de “macho” .

Para Alba e Eiro (2004) as camadas menos favorecidas da sociedade brasileira tem o processo de adolescência desencadeado precocemente e é também abreviado, ou seja, a passagem da infância para a idade adulta passa de forma rápida. Segundo as autoras há uma pseudo-maturidade.

A solidão, ou vazio interior pode levar o adolescente a usar a droga como forma de preenchimento, ou como algo que alivie seu sofrimento. Algumas situações podem levar a este sentimento, como a falta de afeto por parte dos pais na infância e/ou no momento atual. Firetti (2003), citando Outeiral, afirma que alguns jovens poderiam tornar-se drogadictos pelas seguintes razões:

1. Um grupo familiar e social propício ao desenvolvimento do problema com uma conduta indutora ao uso do tóxico e uma sociedade que se caracteriza pela quebra de valores éticos de grupos familiares.
2. Características de personalidade e sensações, tais como:
 - a) sentimento de solidão (vazio interno)
 - b) dificuldade em adiar satisfações
 - c) baixa tolerância a frustrações
 - d) dificuldade no processo de simbolizar
 - e) predomínio da ação sobre o pensamento
 - f) impulsividade
 - g) voracidade exarcebada
 - h) atitudes auto-destrutivas
3. Busca de um grupo de adolescentes com características regressivas
4. Dificuldades escolares (conduta e aprendizado)

No entanto, tendo em vista os problemas que a adolescência pode acarretar, a droga poderá vir a fazer o jovem se sentir bem. É uma forma de amenizar sofrimentos de baixa auto-estima e falta de confiança. Crianças que se desenvolveram em ambientes cuja solução proposta para seus desconfortos fosse o

uso de medicamentos podem futuramente usar este modelo diante de dificuldades e adotar o uso de drogas ilícitas (Firetti, 2003; Santos e Bentlin, 2005).

Santos e Bentlin (2005) constataram, a partir da leitura de Guerreiro, que o termo droga teria sua origem na medicina persa e significava “demônio”, tinha o propósito de assustar a doença e com seu uso expulsa-la do corpo. A dependência física ocasionada pelo uso regular da droga, seria o corpo tentando manter o equilíbrio orgânico. A dependência psíquica é devida aos fatores condicionados que envolvem o uso dessas substâncias. Já a dependência química é crônica, altera o metabolismo e o funcionamento dos neurotransmissores. Com a interrupção do consumo podem ocorrer náuseas, vômitos, alucinações e até a morte, esta é a chamada síndrome de abstinência.

Um aspecto importante a ser destacado é a função do grupo. Firetti (2003) afirma que o grupo de amigos assume uma função significativa sobre a auto-avaliação e o comportamento dos jovens. Durante esta fase os conflitos aumentam, há o desejo de ser independente e com uma identidade própria. Nos grupinhos a droga aparece como uma experiência que possibilita identificação entre seus membros. Pode mostrar uma imagem de coragem para aquele que usa ou também como forma de não ser rejeitado pelo grupo. Portanto, existem adolescentes que se iniciam no consumo de drogas devido a esta ser uma atitude do grupo.

Os grupos de adolescentes formam-se de uma necessidade básica de se desvincular do seu grupo familiar e estabelecer outras relações visando a formação de uma identidade. A partir do estudo de Alba e Eiro (2004) verificou-se que o uso

de drogas atinge jovens de qualquer camada social, embora os determinantes sejam diferentes. A prevenção seria o melhor caminho para que a experimentação e conseqüente dependência fossem evitadas.

Sendo assim, devido às transformações que ocorrem durante a juventude, os adolescentes são um grupo de risco em relação ao uso de drogas. Como fatores que podem levar o jovem a usar drogas temos os aspectos individuais e sociais, muitas vezes há ênfase da mídia quando se trata de passar uma falsa imagem de poder, beleza e sucesso associados a dependência química. O tabaco e o álcool aparecem em filmes e podem de certa forma influenciar o jovem que vê seu ídolo consumindo estas drogas ou outras mais pesadas (Firetti, 2003).

De acordo com Santos e Bentlin (2005) a onipotência do jovem em sua adolescência faz com que ele não acredite que se tornará um drogadicto. Porém, existe a diferença entre os provadores, que experimentam por curiosidade ou por se sentirem forçados pelo grupo; estes não seguem uso sistemático. Também há os drogadictos que usam compulsivamente, desenvolvendo mais cedo a dependência.

Após a década de 70, quando o Brasil passou a fazer parte do tráfico de drogas, houve uma expansão do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens brasileiros. Da mesma forma, ocorreu um aumento da participação de jovens entre 15 e 25 anos nos crimes violentos. A associação juventude/violência dá-se, na maioria das vezes, pelo uso e comércio de drogas (Lima apud Santos e Bentlin, 2005).

Tiba (2002) faz uma descrição importante sobre a relação religiosidade e uso de drogas por jovens. O autor traz a reflexão de que a expressão máxima da religiosidade é o amor. Quando pessoas se amam, é sua religiosidade que está se manifestando. Porém, o usuário de drogas se liga somente aos efeitos que estas lhe proporcionam. Neste caso, o jovem não se dá conta do sofrimento que acarreta aos seus familiares. A sensação de pertencer a alguém não existe mais. A droga tem o “controle”, o usuário se isola de outras pessoas e de outros interesses que são divergentes.

Para esta pesquisa a colocação deste autor mostra-se fundamental, pois o drogadicto tem a droga como ponto central, pois, faz tudo para estar ligado com ela. No começo o jovem usuário sente-se muito bem, mas depois o amor que ele tem dentro de si é deslocado para a droga. Ele se apaixona por ela, se afasta de tudo; é uma religiosidade distorcida. Ocorre a perda da autonomia, além da perda de si próprio. Nesse sentido o usuário se perde de sua própria pessoa e conseqüentemente de todo o mundo a sua volta.

O uso das drogas torna-se um hábito, isto é, ela é consumida compulsivamente, é vista como uma necessidade inabalável. Todavia, pode também haver grupos de jovens que se alienam da própria vida em torno de uma religião. Dessa forma, a religião também pode ser vivenciada como uma droga, que anestesia e afasta o jovem de sua vida e do mundo ao seu redor.

Então, quando a religião é vivenciada de forma alienante, ou seja, quando não proporciona uma ligação com as indagações últimas, ela se assemelha às

drogas. Ambas estariam servindo como uma fuga do jovem para com sua vida. Algo difícil de lidar é colocado de lado, o usuário compulsivo de drogas e o religioso alienado estão ambos anestesiados, presos e estagnados de si mesmos e do mundo. Mas quando a religião é uma experiência genuína, a pessoa se liga com algo superior e como consequência há uma integração pessoal, levando muitas vezes a mudanças de comportamentos.

2.3) A RELIGIOSIDADE COMO EXPRESSÃO HUMANA

“Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras” (Chaves, 2002, p. 190).¹

A religiosidade pode ser entendida, como uma tendência do homem em se aproximar do sagrado. O sentimento religioso se manifesta unicamente no ser humano, isto equivale a dizer que a religiosidade é uma expressão humana. Porém, não é possível afirmar que todos os homens sejam profundamente religiosos. A prática de uma religião depende da relação que a pessoa tem com alguma tradição religiosa. Para algumas pessoas, a religião é uma maneira de significar a vida, mas existem diversas formas de espiritualidade, ou experiências não centradas na existência e ação de uma divindade. Entretanto, estas formas são também procuradas pelo homem nessa busca por uma significação de vida (Schmidt, 2003; Amatuzzi, 1998; Linares, 2001).

¹ Oração da Serenidade, pronunciada em todos os grupos de AA e NA em todo o mundo, inclusive em outros grupos de ajuda. Seu autor é anônimo.

Uma importante diferenciação feita por Goldstein e Neri (2003) citando Allport é entre religiosidade intrínseca e extrínseca. A religiosidade intrínseca caracteriza a pessoa verdadeiramente religiosa, que internalizou suas crenças e a religião seria parte de sua vida diária. Por outro lado, a religiosidade extrínseca caracteriza a pessoa que usa a religião para servir suas necessidades pessoais de ganho social e autoproteção, mantendo um compromisso superficial com os valores religiosos.

Para que possamos compreender a religião é importante entender o meio social onde nos inserimos. Em nossa atual sociedade, na pós-modernidade, o mundo de experiências se fragmenta. Ou seja, cresce a mobilidade, a independência dos subsistemas nos quais vivemos, aumentam o pluralismo e as diferentes tradições religiosas. Como consequência desse mundo fragmentado têm-se o passado não mais como um portador de informações, o mundo perde então, sua unicidade, pois há múltiplas alternativas e múltiplas possibilidades de escolhas (Amatuzzi, 1998).

Na leitura que Amatuzzi (1998) faz de Tomka essa experiência fragmentada produz diferentes reações: 1) o homem se torna um simples expectador da realidade; 2) o homem rejeita o mundo onde vive, passando a ter como centro sua própria pessoa, a carreira profissional, o consumismo etc.; todavia outros podem construir um mundo à parte, junto a um grupo com o qual se identificam; 3) o homem aceita a fragmentação como ela se dá e tenta lidar com ela a partir da integração pessoal, apoiando-se em seus próprios valores e critérios.

Uma relação humana pessoal e profunda, e uma relação religiosa (não negando o humano), podem servir como apoio da pessoa que vivencia a experiência de estar em um mundo fragmentado. Porém, é necessária estrutura pessoal forte frente a uma ausência de direção única por parte do mundo e frente à resistência do sistema contra as afirmações pessoais. Para AmatuZZi (1998) a religião é um elemento do sistema cultural, construída socialmente, mas baseada em experiências, na tentativa de responder perguntas fundamentais e para relacionar-se com o não visível.

AmatuZZi (2000), aponta a religião como sendo capaz de situar a pessoa num todo e orientar sua vida. AmatuZZi (2000) se refere ao conceito de Erick Fromm sobre “estrutura de orientação e devoção” (p.17). Ela é algo do qual todos os seres humanos sentem falta ou necessidade, todavia, a forma como cada um lida com a necessidade de orientação e devoção, essa variedade, não depende somente da multiplicidade de religiões mas também do que cada um lida com a vida.

Segundo AmatuZZi (2000), após a juventude não se pode ter uma religião integrada e dinamizadora da pessoa, condizente com os desafios da vida e da idade, que não seja uma religião experiencial e refletida sob pena de ser extrínseca. Nas etapas mais avançadas do desenvolvimento pessoal o lado humano e o lado religioso do ser humano fundem-se no entanto, pode haver uma religião implícita, não elaborada com conceitos religiosos, porém aberta a um sentido último.

Para esta pesquisa é essencial compreender a dimensão religiosa nos adolescentes. AmatuZZi (2000) explica o desenvolvimento religioso em diferentes

etapas da vida. Este autor afirma que a religião durante a adolescência começa a ser questionada e também toda a identidade. Há neste período escolhas pessoais, como por exemplo, a escolha de uma religião. Afirma também que para o jovem adulto, a religião saudável há que ser fundamentada de forma racional e experiencial.

Além do conceito de “religião” existem outros também importantes para este estudo. Alguns destes conceitos são explicitados por Fleck et al (2003). O autor faz uma diferenciação entre espiritualidade, religião e religiosidade. A espiritualidade coloca questões a respeito do significado da vida e da razão de viver, não se limitando a algumas crenças ou práticas, podendo porém desembocar em alguma forma religiosa ou não. Já a religião é a crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do universo.

Religião é a vivência de uma relação com Deus, entendido como fonte última de sentido, com o absoluto e incondicionado; essa relação terá maior ou menor repercussão na vida da pessoa. Religiosidade é a tendência para se colocar questões existenciais relativas ao sentido da vida e de forma aberta para a fonte transcendente de sentido e portanto, é uma tendência para assumir uma forma religiosa de vida (Fleck et al, 2003).

Giovanetti (2005) caracteriza o termo “religiosidade” como uma relação do ser humano com um ser transcendente e “espiritualidade” não implicando necessariamente numa ligação com uma realidade superior, podendo ser um mergulho que a pessoa faz em si mesma quando volta-se para seu interior. A partir

da leitura de Boff, Giovanetti (2005) afirma que espiritualidade relaciona-se com experiência e não com celebrações, dogmas ou ritos. A espiritualidade designa uma experiência capaz de produzir mudanças profundas no interior da pessoa, levando à integração pessoal e com outros indivíduos.

No entanto, Giovanetti (2005) diz que o que dá luz à existência humana é a busca por sentido interior. Nesse ponto, o autor aproxima a religiosidade e a espiritualidade, pois ambas buscam a afirmação do sentido. A espiritualidade busca o sentido pela reflexão sem necessariamente ter uma ligação com um ser superior, porém na religiosidade a busca pelo sentido parte de uma ligação com uma entidade superior.

Paiva (2005) afirma que o conceito do “sagrado” unifica religião e espiritualidade, pois a religião se traduz por vias em busca do sagrado e a espiritualidade é a busca do sagrado. O autor utilizando Pargament coloca que “a religião é a função mais central do sagrado”, sendo a religião mais ampla do que a espiritualidade. O sagrado se exprime na ligação com o mistério, com o sofrimento, com a esperança, com a entrega absoluta da pessoa perante a divindade.

Outro conceito essencial para esta pesquisa é o entendimento do termo “fé”. Amatuzzi (2003) nos fala da fé como aquilo que anima a vida e dá sentido a mesma. Todos temos uma fé, esta dá sentido a existência. Existe a necessidade de uma fé, mesmo não sendo religiosa, pois ela faz com que a pessoa viva uma vida com sentido.

Fé refere-se a firmeza das posições da pessoa para com a vida, com uma relação de confiança. Porém, esta se torna religiosa quando explícita uma referência a uma realidade última. A fé religiosa promove uma re-ligação com o último. A fé é uma forma de dar sentido à vida, ela é um ato de confiança, na qual a pessoa está inserida numa tradição religiosa. A fé religiosa é uma conversão ao transcendente, transforma a visão que a pessoa tem de si mesma e da vida (Amatuzzi, 2000).

Pesquisadores afirmam que a falta de fé é um sintoma que caracteriza o atual mundo, e este fato contribui para o aumento de psicopatologias. A falta de fé aliada à ansiedade, impulso ou instinto de morte, sensação de vazio, drogas, manias, estresse, alienação, solidão e depressão são alvos do mundo pós-moderno; e geram sofrimento psíquico (Freire e Moreira, 2003).

Estes autores evidenciam a associação entre religiosidade e recuperação de drogadictos. No entanto, é importante salientar que existem diferentes formas de se vivenciar a religiosidade. A religiosidade praticada de forma intrínseca, isto é, de forma mais profunda pode promover mudanças de pensamentos e atitudes. A fé religiosa vivenciada de forma significativa pode servir como uma maneira de quebrar o ciclo vicioso o qual o jovem usuário se vê preso. Nesse sentido, a religiosidade traz confiança e determinação, base sólida para que o dependente químico adquira novamente o domínio de sua própria vida contra as drogas que, em contra partida, levam a um aprisionamento onde o usuário perde sua autonomia, fica preso em seu vício, sem confiança, sem esperança, anestesiado de sua vida e do mundo ao seu redor.

A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE PESQUISA.

Este estudo tratará da religiosidade vivenciada na recuperação de drogadictos fenomenologicamente. Trata-se de descrever, não de explicar. A fenomenologia analisa as vivências intencionais da consciência para em seguida perceber o sentido dos fenômenos. Portanto, o objeto é constituído na consciência e a fenomenologia estuda a constituição de mundo e do próprio indivíduo a partir da consciência (Moreira, 2002).

Para Amatuzzi (2001) uma das características da fenomenologia é a importância dada ao vivido. Uma pesquisa fenomenológica dá-se pela aproximação ao vivido, e a expressão do que nele está contido como significado, frente ao tema de pesquisa. O vivido é algo que podemos sentir. É uma reação psicológica, mental, espiritual, antes porém de qualquer raciocínio. É a reação imediata, onde sentir e pensar não se distinguiram.

A pesquisa fenomenológica refere-se ao estudo do vivido; da experiência humana, e suas significações. O vivido, isto é, a experiência imediata contém um significado imediato e é um importante caminho para se chegar ao conhecimento verdadeiro. A pesquisa fenomenológica visa esclarecer o conhecimento de mundo e do humano, considerando o dado imediato da consciência (redução fenomenológica); saindo da perspectiva explicativa (teorias e conhecimentos anteriores) para uma maior ênfase na descrição do que se mostra (Amatuzzi, 1996).

A pesquisa fenomenológica pretende voltar a este vivido, a experiência imediata, mas não nega as elaborações que se fazem a partir dela, todavia coloca-as entre parênteses com a finalidade de revê-las depois, buscando assim, o vivido contido ali e uma possibilidade de compreensão para além dos participantes estudados na pesquisa em questão (Amatuzzi, 2001).

A redução fenomenológica é o método básico da pesquisa fenomenológica. Nesta o pesquisador não duvida da existência do mundo, mas essa é colocada entre parênteses, pois o mundo existente não é o tema verdadeiro, e sim a forma como o conhecimento do mundo se revela. O pesquisador suspende suas crenças acerca da existência externa dos objetos da consciência e também nossas opiniões. Examina os conteúdos da consciência, não para determinar quais são reais ou não, mas para vê-los como tal, e descrevê-los puramente; sejam eles fornecidos pela percepção, intuição, recordação ou imaginação (Moreira, 2002).

OBJETIVO

A presente pesquisa teve por objetivo descrever e compreender, a partir de depoimentos pessoais, a religiosidade vivenciada no contexto da recuperação de jovens em tratamento do uso de substâncias psicoativas.

MÉTODO

1) Participantes:

Foram 4 jovens do sexo masculino. Estes são do interior do estado de São Paulo e estavam em processo de tratamento da drogadicção quando as entrevistas foram realizadas. Foram critérios de exclusão, menores de idade, jovens sob efeito de drogas no momento da entrevista ou em crise aguda de abstinência, bem como o participante com perturbações mentais graves.

2) Local:

Os depoimentos foram colhidos em duas instituições de reabilitação para dependentes químicos no interior do estado de São Paulo. A primeira consiste em uma clínica para reabilitação de dependentes químicos do sexo masculino apenas, estes ficam em regime de internação, são atendidos por médicos e psicólogos. A segunda refere-se a um local onde dependentes químicos, de ambos os sexos, se reúnem semanalmente ou diariamente para compartilhar suas experiências de vida, somente drogadictos em processo de recuperação participam dessas reuniões, são grupos com horários e dias fixos.

3) Material:

Foi utilizado um gravador para a coleta dos dados mediante o consentimento do entrevistado.

4) Instrumento:

Foi feita uma entrevista não diretiva ativa que segundo Mucchielli (1998) tem a finalidade de compreender o outro em sua própria língua, de pensar em seus termos, de descobrir seu universo subjetivo, buscando as significações que a situação tem para o entrevistado.

5) Procedimento:

A pesquisadora entrou em contato com diferentes instituições para dependentes químicos após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da PUC_Campinas. Dada a autorização dos responsáveis correspondentes pelas instituições com a assinatura das duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), uma via para o responsável e, uma para a pesquisadora que freqüentou as instituições e convidou algumas pessoas para a entrevista. A entrevista foi individual, previamente agendada com o participante e se deu em local reservado nas próprias instituições. Primeiramente os participantes leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 3) e assinaram as duas vias deste.

Uma cópia ficou com os mesmos e outra com a pesquisadora. Em seguida iniciou-se a entrevista e os participantes relataram de maneira livre suas vivências a partir da questão desencadeadora.

Questão desencadeadora: “Como está sua vida hoje?”

6) Plano de Análise:

Com o auxílio das gravações as entrevistas foram transcritas sob a forma de narrativas. A narrativa é um contar histórias, narrar fatos e acontecimentos que percorrem uma trajetória vivencial reconstruindo uma experiência. Dutra (2002) citando Benjamim, coloca a narrativa como forma de comunicação que reflete uma experiência humana; através da narrativa podemos nos aproximar desta.

Granato e Aiello-Vaisberg (2004) colocam a visão de Benjamim sob a perspectiva da narrativa como um ato de trabalhar a vida humana através da experiência que está sendo narrada. As autoras afirmam que as palavras são carregadas de gestos, não são vazias ou abstratas, já que, as experiências são contadas, mas também vividas e reconstruídas num encontro humano. São comunicações que antecederam e que seguirão como herança para os que serão ouvintes.

Para cada narrativa foi elaborada uma síntese compreensiva particular. Como recurso para chegar a essência da própria experiência vivida foi utilizada a

redução fenomenológica proposta por Forghieri (1993). Segundo a autora, a redução fenomenológica se dá pela apreensão do sentido ou significado da vivência para a pessoa em determinadas situações experienciadas por ela em seu existir cotidiano.

De acordo com Forghieri (1993) a redução fenomenológica constitui-se de dois aspectos. Num primeiro momento, chamado envolvimento existencial, a pesquisadora procurou colocar fora de ação os conhecimentos por ela já adquiridos sobre a fé religiosa e o uso de drogas por jovens, abrindo-se assim, para esta vivência e penetrando nela de modo espontâneo.

O segundo aspecto, distanciamento reflexivo, a pesquisadora refletiu sobre sua compreensão e enunciou, descritivamente, o seu sentido ou o significado da vivência pesquisada. Entretanto, permaneceu envolvendo-se e distanciando-se para que a enunciação descritiva da mesma fosse a mais próxima possível da vivência. Esta aproximação e distanciamento também foram feitos na entrevista como forma de facilitar a compreensão da pesquisadora e posterior comunicação desta compreensão para o entrevistado. Ao final as quatro sínteses compreensivas foram comparadas buscando elementos comuns e divergentes.

Narrativa do meu encontro com Juliano

Era a terceira vez que participaria da reunião de um dos grupos dos Narcóticos Anônimos. Cheguei um pouco antes da reunião começar. Não havia ninguém; entrei em uma das salas e lá estava Juliano. Era a primeira vez que o via, me apresentei e começamos a conversar. Falei sobre a pesquisa que estava desenvolvendo no meu mestrado e o convidei para ser um dos participantes. Ele aceitou, assinou o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) e começou a contar sua história a partir da questão desencadeadora.

Juliano tem 26 anos e participa semanalmente de um grupo de ajuda para dependentes químicos nos Narcóticos Anônimos. Afirmou estar muito feliz e hoje trabalha como voluntário contando sobre sua experiência de vida para outras pessoas com problemas de drogadicção. Neste grupo Juliano e os demais membros discutem experiências de vida com relação às drogas. Não se fala em nome de determinada religião, nem em nome de determinadas drogas, mas se fala muito de Deus

Juliano falou muito em um “Deus amoroso” que o ajudou para que ele se recuperasse e pudesse hoje ajudar outras pessoas com problemas semelhantes aos que ele passou. Segundo ele, a maioria dos drogadictos segue os 12 passos como uma religião.

Contou que é importante para sua recuperação se entregar ao poder superior de Deus, ajudar outro drogadicto e compartilhar suas experiências nas reuniões do grupo. Relatou que não pode beber de jeito nenhum, suas drogas são o álcool e a maconha, começou aos 14 anos a beber e a fumar maconha, mas há 4 anos não usa nenhuma droga. Porém, não se considera totalmente recuperado, já que, ainda sente vontade de usar drogas.

Seus amigos de antes viviam “chapados” (estado de consciência e comportamentos alterados pelo uso de drogas) e só queriam a companhia de Juliano para conseguir drogas, pois ele era o “bam bam bam” (aquele que conseguia a droga com facilidade), afirmou. No entanto, estava cansado de usar drogas e desejava parar.

“Sou espiritualista e um Deus amoroso me trouxe para este grupo e me ajudou e, hoje eu ajudo outras pessoas. Deus usou a minha enteada como instrumento para me trazer até aqui, porque eu queria me livrar das drogas, não agüentava mais. Graças a Deus eu fui trazido pelo amor e não pela dor, pela dor é muito pior. Mas a fé quando é forte ajuda sim a pessoa a se recuperar, quando essa fé é de dentro para fora e não de fora para dentro”.

Juliano teve uma recaída forte no começo, segundo ele, o “homem de chapéu preto” o pegou e o fez voltar para as drogas.

“O homem de chapéu preto...não gosto de falar nele. É o coisinha lá do inferno, é a maldição que pega e leva para as drogas. Mas eu me entrego para Deus, me apego com ele e não com esse demoninho que pega os adictos fracos espiritualmente. E ele faz com que a pessoa vá para uma recaída e a pessoa sofre para se livrar desse demoninho se não se entregar perante Deus”.

Para Juliano, Deus e os colegas do grupo lhe dão muita força. Contou que esses amigos do grupo o acolheram bem e ele se identificou no grupo. Os membros do grupo o abraçaram e disseram que ele era a pessoa mais importante e que todos estavam felizes com ele ali. Nunca Juliano havia escutado isso e ele se sentiu muito bem.

Falou que teve de “jogar a toalha” (desistir), que não foi fácil e que ainda tem momentos que dá vontade de usar, mas ele lembra de Deus e dos amigos do grupo e não usa drogas. Disse ter perdido tudo por causa das drogas, hoje retoma sua vida, terminou o ensino médio ano passado e sonha em fazer uma faculdade.

Deu graças a Deus por não ter tido conseqüências graves como Aids ou ter ficado preso ou ter usado drogas mais pesadas como a cocaína e o crack. Sente-se hoje muito feliz por Deus o ter conduzido para este grupo de ajuda, local onde se recuperou.

Relatou que no grupo cada um se apóia em Deus e em cada membro do grupo, mas muitos tem recaídas e são fortes. De acordo com Juliano, o “homem do

chapéu preto” pega a pessoa e leva para as “biqueiras” (local de venda e consumo de drogas), e os pais ficam desesperados.

Juliano afirmou ter duas vidas, uma antes com as drogas e depois, com a recuperação, numa vida “limpa” (sem o consumo de entorpecentes). Hoje disse que chora de felicidade de estar recuperado, com a ajuda de Deus e dos colegas do grupo.

“Deus foi lindo e foi amoroso comigo e estou graças a Deus ajudando muitas pessoas. Estou muito espiritualizado hoje, antes eu aumentava a conta bancária do traficante. Mas eu pedia a Deus: por favor, meu Deus eu não quero pecar contra meus pais, por favor me ajuda!”.

Síntese compreensiva do depoimento de Juliano

O grupo de ajuda foi importante para a recuperação de Juliano e ainda é para a sua manutenção. Juliano se sente grato e satisfeito em poder ajudar outras pessoas em processo de recuperação. Ele se sente feliz com o fato de ter conquistado sua autonomia perante as drogas e aprecia a troca de experiências entre os membros do grupo.

O que ele vivenciou no primeiro dia em que participou do grupo foi muito importante para a permanência dele neste grupo de ajuda e, na vontade dele em retribuir para os membros novos que chegam, assim como ele chegou, em busca de uma palavra de conforto. Juliano se sentiu valorizado e acolhido neste grupo. O fato de não se poder falar em nome de determinadas religiões ou de determinadas drogas facilitou a identificação e o vínculo entre os participantes. O apoio mútuo tornou-se mais forte, pois eles compartilham experiências e cada um acrescenta um pouco de si na vida do outro e vê um pouco de si na experiência do outro.

Segundo Juliano é muito importante socializar sua experiência com relação à drogadicção, o ato de compartilhar suas vivências o ajuda na manutenção constante em ficar longe das drogas.

Outro aspecto deste compartilhar é o sentimento de não se sentir sozinho, a sensação de não ser o único e, no grupo de ajuda existe uma identificação entre os

membros participantes. Todavia, para Juliano o grupo também representou acolhimento, sentir-se amado e querido.

Juliano passou a ver Deus sob outra ótica, ou seja, como um Deus amoroso que o conduziu, através de sua enteada, para este grupo onde ele pôde se recuperar. Ele afirmou ser espiritualizado, se entregar e se apegar com Deus para evitar uma recaída. Falou a respeito do “homem de chapéu preto” como um símbolo do demônio que leva a pessoa a ter uma recaída. Para ele esse “homem do chapéu preto” é uma maldição, pois leva para as drogas, o oposto de Deus que tira das drogas quem se coloca forte espiritualmente.

A figura trazida do “homem do chapéu preto” pode ser traduzida por diabo, tentação ou maldição das drogas. Segundo Juliano, é a força do mal que pega e leva o indivíduo a consumir entorpecentes. Ele não manifestou vontade de falar desse “homem do chapéu preto”, como se o ato de falar sobre esse personagem pudesse de certa forma trazê-lo.

Juliano tem Deus como um amigo. Para ele as amizades são muito importantes, Juliano compartilha suas experiências de vida com seus amigos, busca o apoio dos mesmos e oferece também o seu apoio. Para Juliano Deus está presente nas pessoas e nas relações que se estabelecem entre estas.

Juliano estabeleceu uma relação mais próxima com Deus, como se Deus fosse um grande companheiro que o ouve e está presente incondicionalmente. Juliano se sente amado por Deus num sentimento de consideração positiva,

aceitação e atenção de Deus para com ele. O fato de se sentir grato a Deus pela atenção dispensada faz com que Juliano procure ajudar outras pessoas dependentes químicas.

Juliano realizou uma entrega total de si perante Deus, ou seja, toda a sua vida está nas mãos de Deus, sejam os momentos bons ou ruins, sendo Deus não um remédio para seus anseios, mas um amigo. Foi marcante neste depoimento a presença de Deus nas pessoas que, de acordo com Juliano, são como instrumentos vivos de Deus para auxiliar.

Disse que tem vontade de usar drogas, mas lembra de Deus e nos amigos do grupo e resiste a esta tentação. Ele tem objetivos para o futuro, dentre eles o de retomar a vida, o que perdeu com as drogas e fazer uma faculdade. Atribui a Deus o fato de ter encontrado este grupo que frequenta e concebe como uma missão ter sido ajudado por Deus e em retribuição ele ajuda a outras pessoas com problemas semelhantes aos que ele vivenciou com a drogadicção.

Não falou em nome de determinada religião, mas em espiritualidade. Sua fé é em Deus, como ele disse em um Deus lindo e amoroso, que ouviu sua oração e o ajudou. Juliano pediu a Deus para que o ajudasse, pois ele não queria continuar usando drogas para não pecar contra seus pais. Ele se sentia culpado em estar fazendo algo errado e sentia remorso pelos pais. Juliano teve um passado de perdas, um presente de conquistas e um futuro de esperanças.

Narrativa do meu encontro com Luís

Entrei em contato com uma clínica especializada em recuperação de dependentes químicos. Esta clínica atende somente pessoas do sexo masculino, sendo que estes ficam em regime de internação. Na minha primeira visita conversei com a psicóloga desta clínica e ela me apresentou Luís que estava andando no jardim. Luís manifestou interesse de conversar comigo, comuniquei a ele o porquê de minha presença ali e o convidei para ser um participante da minha pesquisa. Ele aceitou e fomos para uma sala reservada na própria instituição. Após a assinatura do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) fiz a questão desencadeadora e Luís iniciou seu depoimento.

Luís tem 26 anos, é católico e, aos 16 anos de idade começou a beber e aos 21 a usar cocaína. Disse ser dependente de álcool e cocaína, porém esta última foi segundo ele, sua ruína. Com a cocaína Luís perdeu tudo: família, emprego, amigos, até sua dignidade afirmou. Era cada vez mais dependente, contou ter dentro de si um grande vazio, o qual preenchia com as drogas; e agora estava “preso” (dependente) nelas.

Segundo Luís além de aprisionar, a droga possui o poder de iludir, pois, proporciona um mundo de ilusões.

Ele afirmou: *“Por curiosidade, burrice, sei lá, eu caí nessa armadilha”*.

No entanto, quando se encontrava no “fundo do poço” (sem perspectivas e dependente do uso de drogas) pediu ajuda a Deus para que tivesse misericórdia e o ajudasse. Luís está a 7 meses em regime de internato, é sua primeira internação. Para ele, o que define sua vida é sofrimento, contou que ora sempre para que Deus lhe dê forças e fé, disse ser católico e que entrega sua vida nas mãos de Deus.

“Jesus é a minha fortaleza, eu confio em Jesus”, disse.

Hoje ele olha para seu passado e vê todo o tempo perdido e o sofrimento que a droga lhe trouxe, para Luís sua vida ficou estagnada. Entretanto, ele se vê mais forte hoje, muito diferente do Luís de antes. Afirmou que não foge dos seus problemas, mas os enfrenta com a ajuda e o poder de Deus.

A frase com a qual ele encerrou seu depoimento foi: *“Hoje eu tenho vida com Deus e com as drogas eu tinha só a morte ao meu lado”*.

Síntese compreensiva do depoimento de Luís

Este depoimento traz uma pessoa em recuperação das drogas passando por uma revisão de vida com relação à dependência química. Luís falou dos malefícios, da estagnação e do sofrimento que as drogas lhe trouxeram, fazendo-o perder sua família, seu emprego, seus amigos e sua dignidade.

Ele afirmou que a droga vinha para preencher um vazio e levá-lo a viver um mundo de ilusões onde o vazio não mais existisse, porém o efeito se acabava e a realidade voltava, para voltar ao mundo ilusório era necessário mais droga e cada vez mais, e em maiores quantidades. Este ciclo vicioso aprisionou Luís e acarretou várias perdas em sua vida.

. Com o uso das drogas seu corpo e sua alma se sentiam aquecidos, era a cura de seus males, a falsa luz que iluminava e se fazia apaixonar, mas o destruía aos poucos e Luís disse que tudo aquilo que a droga provocava era uma ilusão.

O sonho se tornaria um pesadelo sem fim, a pintura antes bela de um sol irradiando calor, se tornaria a pintura de uma árvore seca na noite. A curiosidade, a promessa de prazer, um parque de diversão seria agora sua cela.

Neste ponto, segundo ele, a fé religiosa deu-lhe forças. O fato dele confiar em Jesus e entregar sua vida nas mãos de Deus fez com que ele não se sentisse mais sozinho em seu sofrimento, como se o peso de tantas coisas ruins fosse dividido com alguém que ele admira e confia. Luís sente-se agora mais fortalecido após conseguir superar por 7 meses a dependência química, não usando drogas, não foge da realidade como fazia antes, encara seus problemas.

Luís estava preso a uma ilusão, caiu numa armadilha, mas encontrou a força necessária na fé. Quando ele pediu por misericórdia ajuda encontrava-se só e desejando se libertar do sofrimento. O mundo maravilhoso de ilusões que a droga lhe proporcionava já não era interessante, ele queria sua autonomia de volta.

Orar lhe traz força, acreditar, se entregar e confiar em Jesus são as atitudes de Luís. Se vê diferente do Luís de antes por reconhecer que as drogas foram para ele uma ilusão, um sofrimento, uma armadilha que o envolveu, preenchendo o vazio que ele sentia, mas ao mesmo tempo aprisionando-o.

A autonomia conquistada até o momento é muito gratificante para Luís, pois representa uma vitória sua sobre a droga. A sensação de liberdade e de estar vencendo a dependência química faz com que Luís se sinta mais forte e mais capaz de enfrentar seus problemas.

Este depoimento traz dois contra-pontos importantes: no primeiro, Luís disse que as drogas têm o poder de iludir e com elas ele só tinha a morte ao seu lado; e no segundo ponto ele afirmou que o poder de Deus o ajudou e lhe trouxe vida. Luís

apontou as drogas e Deus como em lados opostos, onde de um lado há a droga com seu poder de ilusão trazendo a morte e de outro, Deus com o poder de ajudar trazendo vida.

Narrativa do meu encontro com Marcelo

Na mesma clínica onde conversei com Luís, encontrei Marcelo. A aparência dele me chamou a atenção, pois percebi grande tristeza e apatia vindo dele. Perguntei sobre a história de vida de Marcelo para a psicóloga responsável desta clínica que me acompanhava durante minha visita. Ela me contou alguns detalhes e perguntou se eu gostaria de conversar com Marcelo, eu respondi que sim e fui para uma sala reservada na própria clínica onde aguardei Marcelo. Ele bateu na porta, eu abri e convidei para que ele se sentasse, apresentei-me e falei sobre a pesquisa, ele então concordou em me dar a entrevista, assinou o termo de consentimento livre e esclarecido e eu fiz a questão desencadeadora.

Marcelo tem 25 anos, dependente químico há 12 anos, faz dois meses que ele se encontra em regime de internação e é sua oitava internação. A história de Marcelo é muito carregada de acontecimentos ruins. Ele começou com o cigarro e o álcool, logo passou para a cocaína e o crack. O fato mais marcante e, pelo qual ele começou a relatar sua experiência, foram as humilhações que sofreu do pai.

Seu lar era repleto de brigas, ele tem mais dois irmãos, ambos mais velhos. Sua família é de classe média alta e ele teve de tudo, menos afeto e carinho. Segundo ele, a droga o anesthesiava; amava mais a droga do que a si mesmo e sempre que algo dava errado em casa, quando seus pais brigavam ou quando o pai

o humilhava, ele “fugia” (utilizava entorpecentes buscando seus efeitos químicos) para as drogas.

Seus irmãos são “bem de vida” (possuem boa situação econômica) e seu pai sempre os tratou melhor. Marcelo era carregador de caixas na empresa do pai. Ele me contou com os olhos cheios d’ água e a voz trêmula. Disse que esse fato era humilhante e cada vez mais ele necessitava da droga.

As coisas saíram do controle quando Marcelo foi morar na favela, lá ele tomou contato com bandidos, passou fome e começou a roubar. Sua necessidade da droga era tanta que ele perdia o controle. Me contou dois acontecimentos, o primeiro ele teve de espancar uma pessoa em um bar na favela para obter respeito dos demais, o segundo foi quando ele seqüestrou uma enfermeira no “hospício” (nome usado por Marcelo para se referir a clínica psiquiátrica onde ficou internado). Relatou em detalhes estes dois crimes e disse que se arrependia muito e que foi preso muitas vezes.

“Na minha cidade sou mais conhecido do que nota de 1 real” afirmou.

Na terceira vez em que ele havia sido preso, seu pai conseguiu uma autorização do juiz para que ele não fosse para um presídio e sim para uma clínica psiquiátrica. De acordo com Marcelo, as coisas pioraram a partir de então. Neste local que Marcelo chamava de “hospício”, os gritos eram constantes, as pessoas ficavam amarradas e dopadas.

Ele viu dois enforcamentos e tentou suicídio três vezes cortando os pulsos, disse que quase sangrou até o fim, mas foi socorrido a tempo. Me mostrou os braços, os cortes eram largos, compridos e muito salientes sobre a pele.

Parou por um instante, suspirou e retomou seu depoimento falando da mãe. Disse que a mãe é tudo para ele, por vezes o ia buscar na favela, na delegacia, dava dinheiro para que ele não tivesse de roubar e ia com ele nas “bocas” (local de venda e consumo de entorpecentes) comprar drogas. Afirmou que hoje sofre muito pelas coisas horríveis que fez, se sente arrependido e culpado.

“Hoje meus irmãos estão bem de vida, minha mãe doente, meu pai me culpando pela doença dela e eu aqui desse jeito”.

Marcelo tem um filho de 1 ano, contou que as pessoas não confiam nele, nem para pegar o próprio filho. Porém, ele não quer que o filho o tenha como exemplo de pai. Não quer que o filho passe pelo que ele passou e faça as coisas horríveis que ele fez.

Relatou que a droga só lhe trouxe sofrimento e perdas, mas hoje ele dá valor num prato de comida, pois a vida na favela foi muito triste. Segundo Marcelo, ele conheceu os dois lados: a riqueza e a pobreza.

“Tenho perseverança em Deus que eu vou me curar. Deus me iluminou, não me deixou morrer. Roubei, seqüestrei, bati; a droga acabou com tudo na minha vida”.

Marcelo falou ter sido um marginal até que o “*espírito de Deus me tocou*” disse. Afirmou ser espírita e que Deus foi um “*escudo*” que preservou a sua vida e o está ajudando a se libertar. Entretanto, sempre tem recaídas e acaba voltando para ser internado. Disse que as pessoas da clínica onde ele se encontra o olham e o julgam fazendo com ele se sintam pior.

“Eu não posso ter auto-piedade, porque me faz buscar as drogas. O que eu quero é a ajuda de Deus para me curar e me libertar das drogas, não quero mais fugir numa ilusão, numa viagem ruim”.

Marcelo encerrou dizendo que a droga acabou com tudo em sua vida.

Síntese compreensiva do depoimento de Marcelo

As humilhações relatadas por Marcelo o marcaram profundamente e o fazem sofrer ainda hoje. Durante a entrevista ele permaneceu de braços cruzados e acariciando o braço direito com a mão esquerda, praticamente não tirou os olhos do chão. Ele tinha uma expressão de pouca vivacidade.

Ter tido uma vida de muito conforto financeiro não trouxe alegria para Marcelo, o que ele desejava era carinho, menos brigas em casa e menos humilhações do pai. A droga era, segundo ele, uma fuga para anestesiá-lo da realidade e preenchia a falta de afeto que Marcelo tinha.

Esta sensação de inferioridade e as humilhações do pai parecem acompanhar Marcelo. Percebi muita tristeza, mas também um pouco de raiva por ter sido tratado pelo pai de modo diferente dos irmãos. Ele se arrepende e se culpa pelos acontecimentos do passado, em tudo o que viveu e pelos crimes que cometeu.

Ver seus irmãos "bem de vida", dando orgulho para o pai e ele internado em uma clínica para reabilitação da dependência química o faz se sentir mais inferior e sem utilidade. Ele tem sentimentos de gratidão pelo que a mãe fez por ele, por ter

se interessado em ajudá-lo e protegê-lo, porém sua mãe está doente, e seu pai o culpa por ter deixado a mãe doente, o que aumenta mais o remorso de Marcelo.

Marcelo coloca suas esperanças em Deus para que o cure e o liberte, ele não se vê totalmente autônomo perante sua drogadicção. Marcelo é grato a Deus por não o ter deixado morrer ou sofrer danos piores, foi como um “escudo” que o protegeu em sua trajetória. O fato de ser dependente de crack dificulta ainda mais sua recuperação, já que, esta droga é de forte adicção.

Marcelo usava drogas, pois estas lhe causavam bem-estar, eram suas companheiras, que lhe proporcionavam prazer em meio a uma vida difícil, onde ele não tinha o afeto do pai, se sentia inferior perante os irmãos e culpado pela dor que causou a sua mãe. Quanto mais a realidade o machucava, mais a droga era necessária e ele se autodestruía.

Um aspecto importante é o filho de Marcelo como uma grande motivação para ele. Marcelo quer ser um bom exemplo para seu filho. Para que seu filho não trilhe o mesmo caminho que ele trilhou. Marcelo não quer transmitir para o filho o que vivenciou e quer que ele tenha uma boa imagem da figura de pai. Ele afirmou que hoje dá valor num prato de comida, já que, conheceu os dois lados: a riqueza e a pobreza e passou por muitas situações ruins.

Quando tem recaídas, Marcelo acredita que as pessoas o olham e o julgam fazendo com que ele se sinta cada vez menor e incapaz. Ele quer mudar sua vida, mas o passado esta marcado nele assim como suas cicatrizes. Tudo que ele viveu

ele revive a cada dia, os sentimentos de inferioridade, a culpa, o arrependimento e a vontade de voltar no tempo para modificar muitas coisas tornam o processo de recuperação das drogas muito difícil, já que ele não consegue olhar para o futuro, só para o passado e se lamenta por tudo que passou e pelo que passa ainda.

Narrativa do meu encontro com Gabriel

Gabriel me foi apresentado por um de seus colegas do grupo dos Narcóticos Anônimos. Era a segunda vez que eu via Gabriel no local onde as reuniões eram feitas nos Narcóticos Anônimos, porém nunca havia conversado com ele antes. Ele se mostrou interessado em contar sua história. Expliquei brevemente sobre a pesquisa, ele concordou em participar, assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, e iniciou seu depoimento a partir da questão desencadeadora.

Gabriel participa semanalmente de um grupo de ajuda para dependentes químicos; neste grupo ele e os demais participantes relatam suas experiências da semana. Gabriel começou a usar drogas aos 13 anos de idade. Hoje ele tem 23 anos, primeiro começou com bebidas alcoólicas, em seguida passou para a cocaína, encontra-se “limpo” (sem a utilização de nenhuma droga) há 2 anos. Disse que acreditava dominar a situação, não percebendo que era o contrário, isto é, as drogas o dominavam.

Sua namorada o levou para várias igrejas, mas ele não conseguia parar com o uso do álcool e da cocaína. Foram no total quarenta internações com diversas recaídas. Gabriel acreditava que conseguiria parar quando assim quisesse, enquanto isso todas as pessoas a sua volta viam que ele estava destruindo a própria

vida, mas ele não desejava parar, via o dinheiro e isso bastava para comprar mais droga.

Afirmou que não se via como um “escravo das drogas” (dependente), morou na rua, parou de estudar, de praticar esportes e de se relacionar com as pessoas.

“Construí um mundo para mim que só eu acreditava porque eu não conseguia encarar a realidade como ela era”, contou.

Gabriel acredita em Deus e não segue nenhuma religião.

“Deus é maior que tudo, é a minha verdade, Deus não está em um lugar determinado. Não está na igreja A, B ou C. Ele está em todos os lugares, está presente na vida de todas as pessoas e em todos os momentos”.

Há 10 anos quando Gabriel começou a usar drogas ele questionava a sua existência. Contou que só queria beber e usar cocaína, esteve em coma e quase morreu. Sentia-se um ser morto, não enxergava nada de bom na vida, até que Deus lhe trouxe consciência de amor ao próximo, gratidão e valores como honestidade, dignidade, boa vontade e humildade.

Hoje Gabriel disse ter alegria de viver, de ser um membro produtivo na sociedade, ter casa e trabalho. Para ele a maior prova de sucesso é sua vontade de viver adquirida através de Deus.

Sua família lhe deu todas as oportunidades, estudou nos melhores colégios e teve muito carinho, mas viveu por anos como “escravo das drogas”. Disse ter perdido o vínculo com os familiares, com a sociedade e com a realidade.

Antes sua prioridade era beber e usar droga. Hoje sua prioridade é Deus. Mas ele afirmou “*se esquecer de onde eu vim posso voltar para lá em um segundo*”. Por este motivo, segundo Gabriel, ele frequenta um grupo de ajuda. Neste grupo ele compartilha suas experiências com os outros membros e cada um procura se ajudar.

Gabriel disse que seu vínculo maior é com Deus, mas em nenhum lugar específico.

“Não acredito que indo num lugar, seguindo uma série de dogmas, querendo salvar a minha alma vou me ligar com Deus”.

O que faz Gabriel se sentir próximo de Deus é ajudar as pessoas, fazer o bem para as pessoas, ter harmonia e ajudar as pessoas que passam hoje pelo que ele passou.

“Essa é a minha missão, é por isso que Deus me deixou vivo. No meio de um formigueiro de gente que passava pela mesma situação que eu, Deus me tirou. Acredito que esse é o maior sinal da presença de Deus”.

Ele era convicto de que morreria bebendo e usando cocaína, por este motivo fez com que todos entendessem isso e se afastassem dele. Hoje disse ter vida e paz

com Deus está, de acordo com Gabriel, “religado” com Deus, todos os dias e o dia inteiro. Finalizou com a afirmação de ser grato a Deus por ter-lhe poupado e salvado a vida, em meio a tantos outros que usavam drogas junto de Gabriel e morreram. Para ele, Deus o deixou vivo com a missão de levar uma mensagem de esperança para as outras pessoas que sofrem com a drogadicção.

Síntese compreensiva do depoimento de Gabriel

Gabriel achava que dominava sua dependência química mas, no entanto, eram as drogas que o dominavam. Ele acreditava que tinha dinheiro para comprá-las e tinha as drogas a seu dispor, mas na realidade era o oposto disso. O fato dele não se ver como um “escravo das drogas” não servia de motivação para que ele parasse com o uso de álcool e cocaína, ou seja, não havia por parte dele o desejo de parar. Tinha uma família com boa situação financeira e que lhe dava carinho, mas faltava algo, ele sentia um vazio.

As drogas eram como passaportes para uma ilusão fora de sua realidade. Logo no início do consumo de bebidas e cocaína Gabriel contou que questionava a sua existência, sentia-se um ser morto e não enxergava nada de bom na vida, sentia um grande vazio interior e, de acordo com Gabriel, as drogas preenchiam este vazio.

Para ele a realidade não lhe era agradável, portanto procurou nas drogas uma maneira de lidar com esse vazio interior, distorcendo o que não lhe agradava numa falsa realidade onde seus anseios não eram encarados. Ele encontrou em Deus um companheiro, um amigo confiável que o ajudou em sua difícil caminhada. Adquiriu desse modo, forças e esperança numa relação na qual Deus estaria dentro dele, participando de sua vida em todos os seus momentos. Deus representou um poder

de salvação diante de um perigo e libertação diante da dependência química, juntamente com uma nova forma de ver a vida e novos modos de agir.

Ele agradeceu a Deus que pelo seu poder divino o salvou em uma sincera demonstração de amor, carinho e atenção. Se sentir amado por Deus deu um sentido para a vida, o levou a uma mudança na forma de agir e de se ver a si mesmo e o mundo a sua volta. Gabriel recuperou a alegria de viver, está mais autônomo, ativo e como ele mesmo disse “produtivo”. Sua alegria volta-se para as outras pessoas, as quais ele procura ajudar.

Gabriel atribui uma importância grande a Deus e a sua espiritualidade, e não segue nenhuma religião. Para ele, Deus está em todos os lugares e em todas as pessoas. Gabriel atribui sua recuperação a Deus, que lhe trouxe princípios de gratidão, amor ao próximo, honestidade, boa vontade e humildade. Este encontro com Deus também trouxe um sentido para a vida de Gabriel, hoje ele se sente útil, com um caminho a seguir, tem paz e ajudar as outras pessoas lhe traz satisfação e alegria de viver, cumprindo o que ele chama de “missão”.

Ele acredita que Deus preservou sua vida para que ele ajudasse as pessoas em processo de recuperação e prestando essa ajuda Gabriel mantém-se longe das drogas, já que o processo de recuperação é constante, para ele é necessário se manter seguro e forte não se esquecendo de onde veio, isto é, não esquecendo do que vivenciou como dependente químico, para desse modo ter força e boa vontade para nunca retornar para as drogas.

Gabriel ajuda outras pessoas usuárias de drogas contando a sua experiência de vida. Ele retribui o auxílio que recebeu de Deus, mas também por se sentir feliz e bem consigo mesmo e com a autonomia conquistada até o momento, ele expande para outras pessoas a sua mensagem de esperança para que estas também possam partilhar da situação atual em que Gabriel se encontra, ou seja, com autonomia perante a dependência química. E ele se sente satisfeito e grato por poder levar essa mensagem de esperança de que é possível se libertar das drogas.

SÍNTESE GERAL DOS DEPOIMENTOS

Analisando as sínteses compreensivas dos 4 depoimentos encontrou-se alguns pontos em comum, tais como: a fé em Deus como fonte de ajuda e apoio na recuperação e em sua manutenção, o sentimento de gratidão de se sentir amado, valorizado e protegido por Deus, as perdas em diferentes setores da vida (familiar, escolar, pessoal e social), uma nova forma de ver a si mesmo e ao mundo, fazer uma revisão de vida em termos do sofrimento que a droga como prioridade causou, a fuga da realidade e a busca por autonomia em relação a dependência química.

Vale ressaltar que os depoimentos dos participantes desta pesquisa são sobre uma vivência que ocorreu no passado, mas que eles relatam a partir de sua percepção do momento atual, ou seja, sua compreensão de agora sobre o que ocorreu no passado.

Os 4 participantes mencionaram a fé em Deus como fonte para se obter força e ajuda em meio ao sofrimento e aprisionamento em que se encontravam e, todos disseram serem gratos a Deus. No depoimento de Juliano ele coloca que a fé em Deus, além de ter sido um apoio para sua recuperação, também o auxilia na manutenção desta, não deixando-o ter uma recaída. No entanto, Juliano assumiu

uma postura de contemplação e amor perante a divindade, ele não espera em Deus somente como um apoio para seus problemas.

As perdas foram mencionadas como conseqüências da drogadicção, ou seja, Marcelo e Gabriel se afastaram da família, da escola, dos amigos e de casa. Luís perdeu o emprego, família, amigos e sua dignidade; já Juliano parou os estudos e estagnou sua vida vivendo, assim como os demais participantes desta pesquisa, para as drogas exclusivamente. Nota-se que a drogadicção levou estes jovens a viverem exclusivamente para a satisfação pelas drogas, ou seja, apenas a utilização de entorpecentes era o que lhes importava, fazendo com que outros setores da vida fossem deixados de lado.

Constatou-se no depoimento de Luís e Gabriel que as drogas preenchem um vazio interior, havia uma falta de sentido para a vida. Gabriel disse que se sentia um ser morto e que não via nada de bom na vida, estando convicto de que morreria usando drogas. A falta de sentido para a vida se dá no interior do indivíduo e, quando ocorre o vazio existencial determinados artifícios externos, como as drogas, por exemplo, não podem preencher efetivamente esse vazio se a causa básica não for atendida, que neste caso seria o amor incondicional, a valorização que Gabriel sentiu de Deus para com ele.

Uma forma de exemplificar a dependência química é a comparação do dependente químico com um naufrago solitário num imenso mar que, por mais que ele bebesse a água do mar não se sentiria saciado, pois a água é salgada e só

aumentaria sua sede. Então, por mais que eles consumissem drogas o vazio não seria preenchido já que sua sede era de um sentido para a vida.

Este mundo ilusório, mascarado pelas drogas, cada vez mais os envolvia e os deixava sem autonomia, isto é, a droga era cada vez mais importante e necessária. No caso de Marcelo, a droga funcionaria como uma medicação que o fazia esquecer dos seus problemas e da falta de afeto por parte de seu pai, mas o efeito se acabava e a dor da alma voltava e ele buscava novamente a droga para sentir-se bem, não percebendo que a causa do problema não seria resolvida e ele estaria entrando e se prendendo cada vez mais em um ciclo vicioso.

Juliano e Gabriel participam de grupos de ajuda para dependentes químicos, porém em dias e horários diferentes. Eles enfatizaram que o apoio mútuo entre os membros do grupo é muito importante, assim como o fato de compartilhar experiências. Eles relataram que Deus foi fundamental em sua recuperação e hoje eles procuram ajudar outras pessoas que estão passando pelo que eles passaram com relação à dependência química.

Juliano e Gabriel atribuem a esse ato de ajudar o caráter de uma missão, já que eles foram ouvidos e ajudados por Deus e da mesma forma procuram retribuir fazendo o mesmo por outro drogadicto. Eles procuram não esquecer o que vivenciaram, são gratos a Deus e sentem-se felizes e satisfeitos em poder ajudar. Por se sentir bem consigo mesmo e com a vida, Juliano e Gabriel procuram compartilhar esse bem estar que sentem com outros dependentes químicos em processo de recuperação da drogadicção.

Afirmou Juliano ter fé em um Deus amoroso e ser mais espiritualizado hoje. Gabriel disse que adquiriu vontade de viver e sentido para vida junto a Deus. Eles não seguem nenhuma religião convencional, mas para Gabriel, Deus está em todos os lugares e em todas as pessoas e, para Juliano a fé de dentro para fora pode ajudar na recuperação, ao passo que a fé de fora para dentro não.

É importante destacar que o fato de Juliano e Gabriel não estarem em regime de internação, mas apenas freqüentando reuniões de grupo de ajuda para dependentes químicos, pode ser relacionado com o fato deles procurarem recuperar sua vida, estudando como é o caso de Juliano ou sendo um membro produtivo da sociedade como é o caso de Gabriel; além de ajudar outras pessoas com problemas semelhantes, fazendo com que se sintam úteis, participativos e atuantes na recuperação de outros drogadictos e este sentimento de utilidade reverte-se na recuperação deles mesmos.

Juliano afirmou que muitos drogadictos seguem os 12 passos como uma religião. Este fato pode trazer a compreensão de que ele e Gabriel, por fazerem parte de um grupo de ajuda onde se utiliza a filosofia dos 12 passos, haja esta espiritualidade e a fé em um Deus de bondade, além de facilitar a identificação entre os membros do grupo, pois não se fala no nome de alguma religião ou no nome de alguma droga.

Os 12 passos foram criados nos grupos de ajuda para alcoólicos anônimos nos Estados Unidos, foram difundidos e utilizados mundialmente em grupos de ajuda

para dependentes de álcool e drogas. É característica dos 12 passos esta entrega espiritual acreditando em um Poder Superior. Os 12 passos são como 12 mandamentos e, como mencionou Juliano, podem ser adotados como uma religião por trazerem pensamentos e condutas relacionadas com esse Poder.

Predominou portanto em Juliano e Gabriel a fé em Deus e a espiritualidade. Porém, Luís contou que é católico que ora, acredita e confia em Jesus, para ele Deus lhe trouxe vida e força. Já Marcelo afirmou ser espírita e que tem esperança em Deus para que o cure e o liberte e, é grato a Deus por o ter protegido e preservado sua vida. Todavia, Marcelo não se vê totalmente autônomo perante sua adicção às drogas, ele espera em Deus passivamente por sua cura e libertação, diferentemente dos outros 3 depoentes que se apoiaram em Deus adquirindo um sentido para a vida. Esta atitude passiva de Marcelo se agrava pelos sentimentos negativos com relação a si próprio, a baixa auto-estima e o consumo de crack, droga muito forte e de alto poder de adicção.

De acordo com os participantes desta pesquisa compreendeu-se que a fé em Deus foi muito importante na recuperação da dependência química, pois proporcionou força e esperança. Para Juliano, Gabriel e Luís a fé deu um sentido para a vida que antes não existia, proporcionou um re-significar a própria existência e uma nova forma de ver o mundo. Porém, Marcelo se coloca passivo perante sua dependência química, esperando de Deus uma ajuda milagrosa.

A religiosidade apresentou-se como um modo do drogadicto em recuperação não se sentir sozinho em seu sofrimento e como um bem infinito, pois se expande

promovendo mudanças profundas tanto internas como externas. Desse modo a religiosidade foi importante na medida em que trouxe uma evolução positiva no momento em que estes jovens buscavam sua autonomia contra a dependência das drogas.

Eles apontaram Deus como uma fonte que ajudou em momentos difíceis e são agradecidos pela proteção que receberam. Juliano tem Deus como um grande amigo com o qual ele divide suas tristezas e alegrias, Gabriel sente Deus em todos os lugares e em todos os momentos, procurando ajudar as pessoas e fazer o bem para elas, Luís atribui grande importância a Jesus em sua recuperação, ele entregou sua vida nas mãos de Deus e acredita no poder da divindade para ajudá-lo a enfrentar seus problemas. Marcelo sente muita gratidão por Deus ter preservado sua vida, mas espera de Deus uma ajuda funcional e eficaz.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram que existem pontos comuns em relação a religiosidade vivenciada na recuperação de dependentes químicos. De acordo com Amatuzzi (2000) a fé humana refere-se a firmeza das posições da pessoa para com a vida, em uma relação de confiança. Os depoimentos de Juliano, Luís e Gabriel corroboram a afirmação do autor, já que, a fé promoveu uma ligação com o sentido último, trouxe um sentido para a vida transformando a visão que eles tinham de si mesmos e do mundo.

Juliano e Gabriel apontaram a questão da espiritualidade que, segundo Fleck et al (2003), traz em si questões a respeito do significado da vida e da razão de viver, não se limitando a algumas crenças ou práticas. Vimos de modo evidente no depoimento de Gabriel a espiritualidade como uma forma de se estar ligado a Deus, não em um lugar determinado ou seguindo uma religião, mas no dia a dia, em todos os lugares, em todas as pessoas e em todos os momentos.

Para Paiva (2005) a espiritualidade implica em autonomia da pessoa, é a busca pessoal de sentido. No caso de Gabriel postula um princípio de transcendência. Porém, é importante diferenciar a espiritualidade e a religiosidade, pois a religiosidade pressupõe tradição, autoridade, instituição, dogmas, celebrações e ritos.

Segundo Teixeira (2005) a experiência espiritual está presente nas diversas formas de religiosidade bem como em formas não religiosas. A experiência espiritual consiste numa sede infinita de busca permanente de união com algo místico, que promove profunda alegria e o exercício do amor numa íntima conexão da experiência de Deus. Nos depoimentos de Juliano, Gabriel e Luís evidenciou-se este sentimento de alegria e de amor a Deus.

Juliano e Gabriel procuram ajudar outras pessoas expandindo este sentimento de amor que sentem, eles sentem alegria em poder compartilhar o bem-estar adquirido a partir de mudanças profundas que ocorreram interiormente com eles e, conseqüentemente fizeram com que suas vidas fossem modificadas.

Desse modo, o amor pelas pessoas se enriquece quando alimentado pela experiência da “gratuidade do Mistério”, ou seja, num clima de solidariedade, de busca e de ação libertadora nesta experiência da gratuidade do amor a Deus, conferindo às relações humanas um caráter de plenitude, já que, para Teixeira (2005), as pessoas são o caminho para chegarmos a Deus, estar em harmonia com os outros que nos cercam é o caminho para estar em harmonia com o transcendente.

Um aspecto comum aos 4 participantes deste estudo foi o fato de que quando eles eram dependentes químicos estavam somente voltados ao consumo de drogas. Tiba (2002) afirma que a sensação de pertencer a alguém não existe, pois a droga tem o controle e faz com que o usuário se afaste de outras pessoas e de outros

interesses. Desse modo, foi constatado nos 4 depoimentos que a dependência química levou a muitas perdas e ao afastamento do drogadicto de seus familiares.

Evidencia-se que a droga entorpeceu estes jovens de sua realidade, sendo pois a droga, um passaporte para um mundo de ilusões onde os problemas não mais existissem, somente o alívio imediato e momentâneo. Sob este aspecto, medicamentos utilizados para aliviar sintomas físicos, como uma dor de cabeça por exemplo, são comumente receitados por médicos e comprados em farmácias, entretanto, para dores da alma, ou para o vazio interior, questionamentos da existência ou falta de afeto, não há medicação que possa resolver. Existem meios artificiais, como as drogas ilícitas ou anti-depressivos, mas para a resolução do problema para o qual não existe medicação.

O grupo de ajuda assumiu uma posição de destaque nas experiências de Juliano e Gabriel. Para Firetti (2003), o grupo é fundamental para o jovem, no sentido de promover uma função significativa sobre a auto - avaliação, comportamento e identificação. Assim, quando Juliano e Gabriel passaram a freqüentar grupos de ajuda para dependentes químicos onde existia o apoio mútuo, a identificação e o compartilhar experiências, a recuperação tornou-se vivenciada e dividida com outros em situação semelhante.

O depoimento de Juliano traz um exemplo da afirmação da autora com relação a função do grupo. Juliano fazia parte de um grupo onde se consumiam drogas, porém ele estava cansado de consumir entorpecentes e se sentia usado pelos amigos, já que para ele, os amigos somente buscavam sua companhia para

conseguir drogas. Ao mudar seu círculo de amizades de um grupo onde se consumiam drogas para um grupo onde se lutava para não usar drogas Juliano pôde se recuperar, se identificou com os membros de grupo de ajuda e sentiu – se valorizado ao ouvir que ele era uma pessoa importante.

A situação de Marcelo difere dos demais depoentes, já que ele é dependente de crack, droga de adicção rápida e muito forte, possui problemas emocionais e familiares sérios e um histórico com muitos crimes e prisões. Para Santos e Bentlin (2005), a droga pode fazer com que o jovem se sintam bem, amenizando sofrimentos e sentimentos de baixa auto-estima e falta de autoconfiança, aspectos salientes em Marcelo.

Vergote (2001) coloca questionamentos interessantes a respeito da religião como uma necessidade, ou seja, como uma forma de auto-conservação e bem estar psicológico. O autor também descreve a religião como um desejo onde o ser humano contempla a divindade. Sob este ponto de vista compreendemos que para Juliano o desejo de se colocar perante a divindade de modo contemplativo e numa relação de amor e admiração apresentou-se de forma evidente. Juliano experimentou grande felicidade ao falar de Deus, trata-se de uma relação com o divino em primeiro lugar, com uma significação em si mesma.

Vergote (2001) traz a concepção de que a religião é a manifestação de um elo afetivo dos homens religiosos com sua divindade. Porém, a necessidade de auto-conservação e bem estar psicológico conduzem a religiosidade como um meio, pois estão fechadas sobre um interesse imediato do homem. Seria a religiosidade

experimentada no sentido funcional. No depoimento de Marcelo percebe-se a religiosidade como um meio para que eles tivessem um auxílio divino para seus problemas.

De acordo com o autor, a fragmentação do mundo produz uma “desumanização”, levando à depressão e perda do sentido de vida, porém a religião restaura a unicidade existencial quebrada. Portanto, a pessoa humana possui fatores psicológicos que tornam a religião necessária para ela. Nos 4 depoimentos nota-se que a religião foi necessária na medida em que promoveu uma saúde mental num momento de intensa turbulência ocasionada pelo uso abusivo de drogas e, em sua interrupção, para que o processo de recuperação pudesse acontecer.

Porém, a religiosidade como necessidade em termos de sua funcionalidade apresentou-se de modo mais evidente no depoimento de Marcelo. Entretanto, em seu sentido de desejo como experiência de encontro, a religiosidade foi apontada por Gabriel, Juliano e Luís quando estes se colocaram de modo contemplativo numa relação de amor perante Deus, tendo repercussões em suas vidas.

Observou-se, portanto nestes 4 depoimentos, que a fé em Deus trouxe força e ânimo, mas para Juliano, Gabriel e Luís a fé religiosa promoveu um sentido para a vida, um novo olhar para si mesmo e para o mundo. Todavia para Marcelo a fé em Deus apresenta-se de forma funcional e eficaz, já que, ele pressupõe que esta o deixará curado e liberto, não sendo portanto, um re-ligar-se ao sentido último das coisas, capaz de promover mudanças significativas em seu pensamento e em sua vida como um todo.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos por meio dos 4 depoimentos permitiram compreender que a religiosidade vivenciada na recuperação de dependentes químicos mostrou-se muito importante proporcionando uma fonte de força e esperança. Constatou-se que no início a droga representava uma fuga da realidade e era uma forma de se preencher uma falta ou um vazio, porém perdas em diferentes setores da vida vinham como conseqüência. Vencer a dependência química representa conquistar a autonomia perdida. A sensação de gratidão a Deus foi constatada nos 4 depoimentos destacando a importância que eles atribuem a Deus em tê-los protegido e salvado a vida.

A religiosidade vivenciada no processo de recuperação de dependentes químicos se apresentou como necessária na medida em promoveu a auto-conservação e o bem-estar psicológico, porém em 3 depoimentos a religiosidade foi vivenciada de modo contemplativo numa relação de amor e admiração pela divindade, ocasionando um sentido para a vida, mudanças no modo de pensar sobre si mesmos e sobre o mundo, levando a repercussões nas ações cotidianas. Observou-se que a religiosidade promoveu uma aproximação do drogadicto em relação a outras pessoas, um sentimento de alegria, de solidariedade e um resgate do que foi perdido ou abandonado devido ao uso de drogas, ou seja, a religiosidade trouxe uma razão para a existência, ânimo e força para enfrentar os problemas e buscar a retomada da autonomia perdida, da vida escolar, da vida laboral e social.

A pesquisa fenomenológica possibilitou trazer as vivências dos participantes, seus sofrimentos e suas conquistas. Acredito ser necessário que outras pesquisas sejam realizadas com vistas a aprofundar o conhecimento em torno do universo do dependente químico e de seus familiares. Considero um dever da Psicologia estudar questões que envolvam a fé religiosa pois esta faz parte da vida do ser humano. Nesta pesquisa, a religiosidade mostrou-se como grande auxiliar na recuperação de dependentes químicos e também na manutenção desta recuperação. Saliento que esta pesquisa teve um enfoque maior sobre a religiosidade e a dependência química, porém outros aspectos psicológicos devem ser observados, tais como o apego às drogas e o apego às religiões, a frustração, a angústia e a insegurança frente ao mundo. Sendo que o tema recuperação num sentido pleno não se refere simplesmente à libertação das drogas, mas também de um amadurecimento e reconstrução psicológica.

Depois da experiência que tive junto destes 4 participantes e de outros adictos, entendi o quanto a dimensão espiritual é importante na recuperação da drogadicção. Em cada conversa, pude sentir a presença da religiosidade naqueles jovens que lutam a cada dia para serem autônomos perante as drogas e que, segundo eles, Deus é o companheiro em todos os momentos. Eles me mostraram a gratidão que sentem por terem sido salvos por Deus. Sou também grata por ter feito esta pesquisa e por contribuir trazendo conhecimento para o meio acadêmico, mas também por propagar a história destes jovens e a mensagem de esperança que eles trouxeram em seus depoimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, A & EIRO, S.N. (2004). **O teatro como recurso preventivo ao uso de drogas na adolescência: uma proposta da terapia ocupacional**. Monografia da faculdade de Terapia Ocupacional. Campinas: PUCAMP.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS (s/d). **Programa dos 12 passos**. Disponível no sítio eletrônico: <http://www.aa-areasp.org.br/sp/passos.htm>. Acessado no dia 28 de dezembro de 2006.

AMATUZZI, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 13 (1): 5-10.

AMATUZZI, M. M. (1998). A experiência religiosa: estudando depoimentos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 15 (2): 3-27.

AMATUZZI, M. M. (1998). Experiência religiosa: busca de definição. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 15 (1): 49-65.

AMATUZZI, M. M. (2000). O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 17 (1): 15-30.

AMATUZZI, M. M. (2001). **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea.

AMATUZZI, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: Bruns, M. A. T. & Holanda, A. F. **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea.

BICCA, C.; PEREIRA, M. S. & GAMBARINI, M. A (2002). Conceitos, diagnóstico e classificação. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

CHAVES, L. C. (2002). Grupos de ajuda. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

COSTA, J. F. (2004). **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond.

DALGALARRONDO et al. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Campinas, 26(2): 82-90.

DUTRA, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, 7(2): 371-378.

FERIS, E. S. (2002). Um novo enfoque à avaliação de um programa de prevenção ao uso de drogas. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras**

drogas e informação: o que cada profissional precisa saber. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FIRETTI, C.L. (2003). **Prevenção para o uso de drogas na adolescência.** Monografia da faculdade de Terapia Ocupacional. Campinas: PUCCAMP.

FLECK, M. P. A. et al. (2003). Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 37(4): 446-455.

FORGHIERI, Y. C. (1993). **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa.** São Paulo: Pioneira.

FREIRE, J. C. & MOREIRA, V. (2003). Psicopatologia e religiosidade no lugar do outro: uma escuta levinasiana. **Estudos Psicologia**, Maringá, 08(02): 93-98.

GIOVANETTI, J. P. (2005). Psicologia existencial e espiritualidade. In: AmatuZZi, M.M. **Psicologia e espiritualidade.** São Paulo: Paulus.

GRANATO, T. M.M. & AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. **Psicologia da Saúde**, São Paulo, 12 (2): 253-271.

GOLDSTEIN, L. L. & NERI, A. L. (2003). Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e Satisfação na maturidade e na velhice. In: Neri, A L. **Qualidade de vida e idade madura**. 5ª edição, São Paulo: Papyrus.

HALLAL, I.I.L. & HALPERN, S.C. (2002). Abordagem ecológica: uma visão ampliada do problema da dependência química. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

HINTZ, H. C. (2002). O papel da família. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

LINARES, R. (2001). **O significado da experiência religiosa na vida das pessoas**. Tese de Mestrado da faculdade de Psicologia. Campinas: PUCAMP.

LOPES, J. & SEADI, S. (2002). Avaliação familiar: construindo uma nova maneira de olhar. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARIZ, C.L. (2005). Juventude e religião. **Tempo Social USP**, São Paulo, 17(2): 253-273.

MOREIRA, D. A (2002). **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira.

MUCCHIELLI, R. (1998). **A entrevista não diretiva**. São Paulo: Martins Fontes.

OUTEIRAL, J. O (2002). Violência no corpo e na mente: conseqüências da realidade brasileira. In: Levisky, D.L. **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PAIVA, G.J. (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: AmatuZZi, M.M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus.

PANZINI, R.G. & BANDEIRA, D.R. (2005). Escala de coping religioso-espiritual: elaboração e validação de construto. **Estudos de Psicologia**, Natal, 10(3): 507-516.

PENSO, M.A . & SUDBRACK, M.F. (2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. **Psicologia USP**, São Paulo, 15(3): 29-54.

SANCHEZ, Z. M & OLIVEIRA, L. G. et al (2004).Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Ciência e Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 09 (01): 43-55.

SANTOS, L.C. & BENTLIN, R.E. (2005). **Efeitos das substâncias psicoativas ilícitas na adolescência**. Monografia da faculdade de Enfermagem. Campinas: PUCAMP.

SCHMIDT, M. (2003). **Stress e a religiosidade cristã**. Tese de Mestrado da faculdade de Psicologia. Campinas: PUCAMP.

SILVA, F A & SILVA, E. S. (2002). Como prevenimos o uso indevido de drogas. In: Pulcherio, G.; Bicca, C & Silva, F. A (orgs). **Álcool, outras drogas e informação: o que cada profissional precisa saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SOLLERO, L. (1979). **Farmacodependência**. Rio de Janeiro: Agir.

TEIXEIRA, F. (2005). O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa. In: AmatuZZi, M.M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus.

TIBA, I. (2002). O uso da maconha e as alterações nos relacionamentos humanos. In: Levisky, D.L. **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

VERGOTE, A. (2001). Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In: PAIVA, G.J. **Entre necessidade e desejo- diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola.

ANEXO 1: Questão desencadeadora

“Como você vê a sua vida hoje?”

ANEXO 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Instituição)

Eu.....portador do RG.....,responsável pela instituição autorizo a pesquisa: "A religiosidade vivenciada na recuperação de usuários de substâncias psicoativas.", realizada pela aluna de Mestrado em Psicologia, Márcia Maria Carvalho Luz da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) sob a orientação do Profº Drº Mauro Martins AmatuZZi.

Sei que este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética da PUC_Campinas e que busca conhecer a religiosidade no contexto da recuperação de usuários de substâncias psicoativas a partir de entrevistas fornecidas à pesquisadora. Sei também que a participação é voluntária, que serão tomados todos os cuidados para não identificar os participantes. Não haverá qualquer benefício financeiro pela participação, bem como riscos ou incômodos para os entrevistados.

Estou ciente de que esta pesquisa poderá trazer contribuições para o tratamento de dependentes químicos e para o conhecimento da religiosidade neste contexto. Posso a qualquer momento retirar minha autorização para a realização desta pesquisa nesta instituição sem que haja qualquer prejuízo. Sei que a pesquisadora poderá participar de algumas atividades realizadas neste estabelecimento.

Estou recebendo uma cópia deste documento na íntegra e posso entrar em contato com Márcia Maria Carvalho Luz pelo telefone (19)91886680 ou por e-mail marciamcluz@yahoo.com.br

Telefone do Comitê de Ética da PUC-Campinas: 37355910.

Responsável

Márcia M. C. Luz
(Pesquisadora)

Campinas,de.....de 2007

ANEXO 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Participante)

Eu.....portador do RG....., concordo em participar da pesquisa: "A religiosidade vivenciada na recuperação de usuários de substâncias psicoativas.", realizada pela aluna de Mestrado em Psicologia, Márcia Maria Carvalho Luz da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) sob a orientação do Prof Dr Mauro Martins Amatuzzi.

Sei que este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética da PUC_Campinas e que busca conhecer a religiosidade vivenciada no contexto da recuperação de usuários de substâncias psicoativas a partir de entrevistas fornecidas à pesquisadora. Sei também que minha participação é completamente livre, podendo eu recusa-la a qualquer momento sem qualquer ônus ou prejuízo para mim. Fui informado de que não haverá qualquer benefício financeiro para os participantes, e de que a participação não implica em riscos pessoais ou incômodos.

Estou ciente de que esta pesquisa poderá trazer contribuições para o tratamento de dependentes químicos e para o conhecimento das características da religiosidade neste contexto. Posso a qualquer momento retirar minha autorização para a utilização das informações por mim fornecidas à pesquisadora sem que haja qualquer prejuízo. Sei que esta entrevista será gravada com a utilização de um gravador e não será identificada, garantindo o sigilo de minha identidade. As informações relatadas na entrevista serão analisadas pela pesquisadora com a finalidade de uma maior compreensão sobre o tema proposto.

Estou recebendo uma cópia deste documento na íntegra e posso entrar em contato com Márcia Maria Carvalho Luz pelo telefone (19)91886680 ou por e-mail marciamcluz@yahoo.com.br

Telefone do Comitê de Ética da PUC-Campinas: 37355910.

Participante

Márcia M. C. Luz
(Pesquisadora)

Campinas,de.....de 2007

